

## Análise do Discurso Ecosistêmica – ADE<sup>1</sup>

### Análisis del Discurso Ecosistémico – ADE

Hildo Honório do Couto<sup>2</sup>

#### Resumo

O objetivo principal deste artigo é apresentar a Análise do Discurso Ecosistêmica (ADE). Ela é parte da Linguística Ecosistêmica (LE), versão da Ecolinguística que vem sendo desenvolvida no Brasil tendo como precursores os trabalhos do filósofo da linguagem Peter Finke (1996), o ecolinguista Wilhelm Trampe (1990) e a Escola de Linguística Dialética criada por Jørgen Døør e Jørgen Christian Bang. A ADE teve influência adicional de diversas fontes, como a Ecologia Profunda, as ideias de Gandhi e outras. Devido a essas origens, ao analisar um texto-discurso ela não põe a ênfase principal em ideologias políticas, como fazem as Análises do Discurso tradicionais – com raras exceções como a Análise do Discurso Positiva de Martin (2004) – mas, na defesa da vida e na luta contra o sofrimento. Ideologias políticas existem, mas a vida é considerada mais importante do que elas.

**Palavras-chave:** análise do discurso ecológica, linguística ecosistêmica, defesa da vida, luta contra o sofrimento.

#### Resumen

El objetivo principal de este artículo es presentar el Análisis del Discurso Ecosistémico (ADE). Esta disciplina forma parte de la Lingüística Ecosistémica (LE), una versión de la Ecolingüística que se ha desarrollado en Brasil y cuyos precursores son los trabajos del filósofo del lenguaje Peter Finke (1996), el ecolingüista Wilhelm Trampe (1990) y la Escuela de Lingüística Dialéctica creada por Jørgen Døør y Jørgen Christian Bang. El ADE tuvo influencias adicionales de diversas fuentes, tales como la Ecología Profunda, las ideas de Gandhi y otras. Debido a esos orígenes, al analizar un texto-discurso, el ADE no pone el énfasis principal en ideologías políticas, como ocurre en los análisis del discurso tradicionales – con raras excepciones como el Análisis Positivo del Discurso de Martin (2004) – sino que enfatiza la defensa de la vida y la lucha contra el sufrimiento. Existen ideologías políticas en el ADE, pero la vida se considera más importante que estas.

**Palabras clave:** análisis ecológico del discurso, lingüística ecosistémica, defensa de la vida, lucha contra el sufrimiento.

---

<sup>1</sup> Este texto é reelaboração da conferência “Ecosystemic Discourse Analysis–EDA” proferida na abertura do encontro “Language and Ecology: Towards a Shared Narrative in Interdisciplinary Research 2019”, Hong Kong Shue Yan University, Hong Kong, de 5 a 7 de setembro de 2019, como *invited speaker*.

<sup>2</sup> Profesor Emérito, Universidade de Brasília, Brasil. [hiho@unb.br](mailto:hiho@unb.br)

## Introdução

Diante do fato de que a esmagadora maioria dos que se intitulam linguistas no Brasil e na América Latina em geral praticam alguma forma de Análise do Discurso, poder-se-ia perguntar por que introduzir mais um modelo de Análise do Discurso em um mercado já saturado de teorias. A resposta óbvia é o estarmos vivendo uma crise ecológica sem precedentes na história. Estamos usando e abusando dos recursos naturais, criando desequilíbrios que certamente são uma das causas para a irrupção de pandemias como a do coronavírus, incêndios como os da Amazônia e do Pantanal, secas e enchentes devastadoras. Diante desse descalabro, pensamos que os linguistas também são responsáveis, e que é apropriado praticarem uma Linguística que se preocupe com nossas relações com o meio ambiente.

Dada essa importância da disciplina na América Latina, propus que se substitua a expressão ‘Análise do Discurso’ por ‘Discursística’, que seria um termo simples (Couto, 2020). Com ele, poderíamos falar em Discursística Francesa, Discursística Crítica (de Fairclough) e, no nosso caso, Discursística Ecossistêmica, em vez do nome do título deste artigo. Além do mais, Discursística fica em perfeito paralelo com Linguística. No entanto, as pessoas não gostam muito de mudanças nas teorias nem nos seus nomes. Por isso, aqui será usada a expressão ‘Análise do Discurso Ecossistêmica’, mesmo sabendo que ‘Discursística Ecossistêmica’ seria mais simples e mais adequado diante do percurso que levou ao atual nome, como veremos no início da seção 4 abaixo.

Como mostra o próprio nome da disciplina, a Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE) tenta mostrar que há uma maneira diferente de se olhar para os discursos e a língua/linguagem em geral, o olhar ecológico ou ecossistêmico. Ela reconhece que para haver língua (L) é necessário que haja pessoas (P) e que elas só podem viver e conviver em algum lugar, seu território (T). Como a ADE é parte da Linguística Ecossistêmica, que é parte da Ecolinguística, vou começar falando dessas duas disciplinas.

## Ecolinguística

A Ecolinguística pode ser definida como o estudo das relações entre língua e meio ambiente ou como o estudo da língua da perspectiva ecológica. A ideia de relacionar língua e meio ambiente começou no início do século XX, com a conhecida palestra de Edward Sapir “Language and environment”, na Associação Antropológica Americana, em 1911, publicada no ano seguinte (Sapir, 1912). Voegelin e Voegelin (1964) falaram em ecologia das línguas, assunto retomado por Haugen (1972), considerado o pai da Ecolinguística. Aí já temos duas tendências do que viria a ser a Ecolinguística: em Sapir, as relações entre língua e meio ambiente; em Voegelin e Voegelin e Haugen, a ecologia das línguas (bi-/multilinguismo, contato de línguas, política linguística etc.).

Em meados da década de 1980, Alwin Fill retomou o assunto e ampliou consideravelmente o objeto de uma futura Ecolinguística. Em um de seus primeiros livros, ele disse que

durante muito tempo a Linguística estudou frases, lexemas, morfemas e fonemas. Ela definiu, analisou e catalogou essas unidades da língua e comparou línguas no que tange a essas unidades. Foi uma tarefa grande e importante, mas ela está pronta no essencial, de modo que os linguistas podem se dedicar a uma área que vá além disso, ou seja, a das relações entre ‘língua’ e ‘mundo’. Trata-se de investigar as interações entre língua e a convivência humana, seu papel nas relações entre indivíduos, mas

também entre agrupamentos de diversos tipos, entre homens e mulheres, jovens e velhos, estados e religiões (Fill, 1987, p. 9)<sup>3</sup>.

O autor acrescenta que se pode ir além disso e pensar numa Linguística que examine o papel da ‘língua’ na coexistência entre humanos, animais, plantas e matéria, ou seja, para tudo que é vivo e não vivo neste mundo (Fill 1987, p. 9).

Se Einar Haugen é o pai da Ecolinguística, Alwin Fill a criou até a idade adulta e a educou. É devido às atividades de Fill na promoção de eventos e publicação de livros individuais e coletivos que a disciplina decolou. Em Fill (1993), temos a primeira introdução à Ecolinguística, escrita em alemão. Ela retoma o programa que acaba de ser sugerido e acrescenta outros fenômenos que podem ser estudados ecolinguisticamente. Entre os conceitos ecológicos que passaram a ser bastante valorizados estão o de diversidade (tanto na natureza quanto na sociedade) e o de interações. Foi com esse livro que a Ecolinguística alçou voo. Nele a Ecolinguística está definida como sendo

O ramo da Linguística que se dedica ao aspecto das inter-relações, sejam elas entre línguas individuais, entre falantes e grupos de falantes ou entre língua e mundo que, visando à diversidade de manifestações e interações, intervém a favor do pequeno (Fill, 1993, p. 4).

Esse desiderato foi complementado por um ensaio clássico de Michael Halliday, intitulado “New ways of meaning” (Halliday, 1990). A partir desses trabalhos e de mais alguns mencionados abaixo, a Ecolinguística começou a se consolidar como disciplina acadêmica.

Em Couto (2007) temos a primeira introdução geral à Ecolinguística escrita em português. A partir daí a Ecolinguística tomou um rumo próprio no Brasil, com o surgimento da Linguística Ecossistêmica, como veremos na seção seguinte. Foi no interior dela que emergiu a Análise do Discurso Ecossistêmica, assunto do presente artigo. O precursor de ambas é Finke (1996) e Trampe (1990). Como se pode ver no Apêndice, existe muito material para pesquisa disponível na internet. Mas, o coroamento da Ecolinguística no Brasil se deu com a publicação da antologia Couto et al. (2016). Essa coletânea contém os principais textos clássicos, além de textos contemporâneos, perfazendo um total de 18 ensaios, além de uma Introdução com um detalhado histórico da Ecolinguística.

Em nível internacional, já existem alguns importantes centros de Ecolinguística. O primeiro cronologicamente é o do eixo Áustria-Alemanha, com base na cidade austríaca de Graz, sob a liderança de Alwin Fill e a colaboração de Hermine Penz. O segundo se encontra em Odense (Dinamarca) com a Ecolinguística Dialética, em torno de Jørgen Døør, Jørgen Chr. Bang e Sune V. Steffensen. A obra mais representativa do grupo é Bang e Døør (2007). Esse grupo encara a língua de uma perspectiva holística, levando em conta não apenas as questões de língua e meio ambiente (exoecologia linguística), mas também a interioridade da linguagem, as questões estruturais ou gramaticais (endoecologia linguística). Um segundo grupo é o de Barcelona, em torno de Albert Bastardas, Carme Junyent e Pere Comellas, dedicado sobretudo à ecologia das línguas, como as relações entre o catalão e o castelhano. Um terceiro grupo se encontra em Cheltenham (Reino Unido), sob a liderança de Arran Stibbe, com uma revista e um curso de Ecolinguística *online* e um grande grupo com representantes em todo o mundo. O quinto grupo está no eixo Brasília-Goiânia (Brasil), de onde surgiram a Linguística Ecossistêmica e a Análise

<sup>3</sup> Este e os excertos em língua estrangeira subsequentes foram traduzidos por mim

do Discurso Ecossistêmica. Esse grupo promove encontros nacionais de dois em dois anos, publica a revista *ECO-REBEL*, muitos livros, teses de doutorado e dissertações de mestrado, como se pode ver no *Boletim do GEPLÉ*, disponível *online* (ver Apêndice). Por fim, temos o Centro de Ecolinguística, na Universidade de Agricultura do Sul da China (SCAU, em inglês), na cidade de Guangzhou, sob a liderança de Guowen Huang. Esse grupo está promovendo a Ecolinguística na China de modo bastante intenso, inclusive com a proposta de uma Análise do Discurso Harmoniosa.

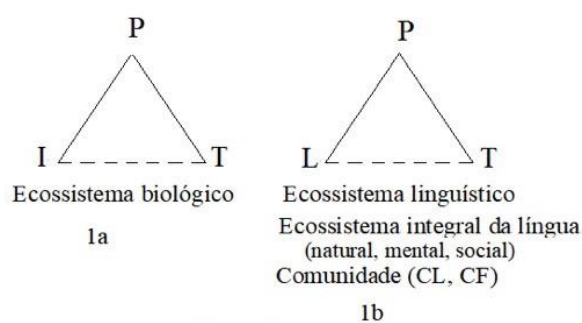
Gostaria de coroar esta breve apresentação da Ecolinguística no mundo com o livro de Fill e Penz (2018). Trata-se da maior coletânea de textos ecolinguísticos já publicada, em inglês. Em suas 457 páginas, encontram-se 28 capítulos escritos por autores diferentes, sem falar na Introdução (por Alwin Fill) e no Posfácio (por Alwin Fill e Hermine Penz). Praticamente todas as tendências da Ecolinguística mundial estão representadas na antologia. Em Elza (2018) encontra-se uma resenha dela. Na seção “Ecolinguística em espanhol” do site de Linguística Ecossistêmica existem textos sobre Ecolinguística em geral, sobre Linguística Ecossistêmica e sobre Análise do Discurso Ecossistêmica, tudo em espanhol (ver: [www.ecoling.unb.br](http://www.ecoling.unb.br)).

### Linguística Ecossistêmica

É importante começar delineando os princípios da Linguística Ecossistêmica (LE), uma vez que a Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE) é parte dela, o que significa que todos os conceitos da LE podem ser usados na ADE. No entanto, como veremos adiante, a ADE tem alguns conceitos que permanecem invisíveis à perspectiva abrangente, holística da LE. É necessário aproximar o foco a fim de se verem microscopicamente os conceitos e categorias de análise específicos da ADE.

A Linguística Ecossistêmica tem esse nome por razões óbvias: ela parte do conceito de ecossistema a fim de erigir suas bases epistemológicas. O ecossistema é o conceito central e basilar da Ecologia. Ele consta de uma população (P) de organismos animais ou vegetais, em seu habitat, meio ambiente ou território (T), interagindo (I) entre si e com o meio ambiente. Na Figura 1a temos a representação do ecossistema biológico; a figura 1b mostra o ecossistema linguístico, que apresenta a mesma configuração: ele diz que para haver uma língua (L) é necessário que haja um povo (P) cujos membros convivam em seu território (T), formando uma comunidade. A linha segmentada entre I e T e entre L e T indica que não há relação direta entre eles; tudo é mediado por P, como fica mais claro no ecossistema linguístico: a língua não se relaciona diretamente com mundo, mas somente por intermédio de seus usuários, a população (P).

Figura 1. Ecossistemas biológico e linguístico



É importante ressaltar que o ecossistema biológico pode ser de dois tipos. O primeiro é a comunidade biológica (biocenose), que inclui todos os organismos vivos da região. O segundo é a

sociedade, aquele ecossistema que consiste de apenas uma espécie de seres vivos. O ecossistema linguístico é do segundo tipo, pois seu P se constitui apenas de seres humanos. Enfim, o ecossistema linguístico tem praticamente tudo que existe no ecossistema biológico *qua* sociedade.

Na Ecologia, o que interessa diretamente não são os organismos nem seu território em si. Os primeiros são estudados pela Biologia, a Anatomia, a Ecologia das Populações etc. ao passo que o segundo pode ser estudado pela Geografia e ciências afins. O que interessa são as interações, que podem ser de dois tipos: (a) interações organismo-mundo (ambiente) e (b) interações organismo-organismo. No ecossistema linguístico essas interações são chamadas de, respectivamente, (a') interação pessoa-mundo, usando a língua e dando lugar à referência, e (b') interação pessoa-pessoa, que é nada mais nada menos do que a comunicação, ou interação comunicativa, como se diz em LE. Referência e comunicação são as duas faces da linguagem: nós comunicamos referindo a alguma coisa e referimos a alguma coisa comunicando. Do mesmo modo que na biocenose, o que interessa à Linguística Ecossistêmica não são diretamente nem os falantes ou pessoas (P) nem seu ambiente ou território (T), mas as interações, com a diferença de que aqui as interações são chamadas língua/linguagem (L).

Como se vê pelo que acaba de ser dito e pela figura 1, pode-se notar que língua (L) do ecossistema linguístico está no lugar de interações (I) do ecossistema biológico. Língua é o equivalente de interações. Melhor dizendo, língua não é um instrumento de comunicação; ela é a comunicação, ou interação comunicativa. Seu núcleo são as regras interacionais; as regras sistêmicas (gramática) são subsidiárias delas. Como elas são o núcleo da linguagem, reproduzo-as no Apêndice I.

A figura 1 sugere ainda que o ecossistema linguístico pode ser observado a partir de diversas perspectivas. Em primeiro lugar, ele pode ser visto como ecossistema integral da língua porque contém em si, integra três outros, que são o ecossistema natural, o mental e o social da língua. Quando entramos no ecossistema integral, a primeira coisa que encontramos é o ecossistema natural da língua, composto de pessoas (P<sub>1</sub>) físicas, de carne e osso, com nomes próprios, vivendo e convivendo em seu território (T<sub>1</sub>) físico e interagindo entre si pelas regras interacionais de caráter proxêmico, cinésico, paralinguístico e outras. Trata-se dos aspectos fisiológico-naturais e espaço-temporais de suas interações comunicativas (L<sub>1</sub>) – lembrando que língua é interação. Fixando o foco em um indivíduo, que é tomado como representativo de todos os demais da população, o que interessa no presente contexto é seu cérebro e sistema nervoso (central e periférico) e as interações entre os neurônios que têm a ver com a língua como fenômeno mental. O *locus* dessas interações é justamente o cérebro, portanto, ele é o “território” (T<sub>2</sub>) da língua como fenômeno mental (L<sub>2</sub>). Os agentes dessas interações são os neurônios do sistema nervoso de cada indivíduo, portanto, eles são o lado P dessas interações, no caso, P<sub>2</sub>. Trata-se aí do ecossistema mental da língua. Mas, esse indivíduo não está sozinho. Ele convive com todos os demais indivíduos de seu grupo. Entre eles existem relações de natureza social dos mais variados tipos, cada indivíduo tem diversos papéis sociais (pai, professor, pedestre, amigo etc.). São interindividualidades (Marías, 1960), cuja totalidade forma o povo como ser social (P<sub>3</sub>). As interações sociais que aí se dão verbalmente são a língua como fenômeno social (L<sub>3</sub>). O *locus* dessas interações verbo-sociais é a sociedade (T<sub>3</sub>).

Contrariamente a Saussure, que vê a língua como fenômeno psicossocial e a Chomsky para quem ela é psicofísica, para a LE ela apresenta uma faceta natural (L<sub>1</sub>), uma mental (L<sub>2</sub>) e uma social (L<sub>3</sub>), logo, ela é biopsicossocial. Os componentes P e T também podem ser encarados a partir das três perspectivas, como acabamos de ver: (P<sub>1</sub>, P<sub>2</sub>, P<sub>3</sub>) e (T<sub>1</sub>, T<sub>2</sub>, T<sub>3</sub>).

O ecossistema integral da língua pode ainda ser visto como comunidade de língua (CL) ou como comunidade de fala (CF). A CL é a língua vista como sistema, de modo que a comunidade

de língua espanhola compreende a Espanha e todos os países de língua espanhola existentes no mundo, independentemente do uso. Sua existência independe do observador: a língua está lá independentemente dele, como o bioma da Ecologia. A CF, ao contrário, é delimitada pelo observador, exatamente como os ecossistemas biológicos, exceto o bioma, como se pode ver no proponente do conceito (Tansley, 1935). Assim, o investigador pode delimitar toda a América Hispânica como a CF que irá investigar, por exemplo, para contrastar diferenças entre o espanhol colombiano, o chileno, o argentino, o mexicano etc. O linguista ecossistêmico pode ainda delimitar como a CF que irá estudar: só o Chile, ou só a Região Metropolitana de Santiago, ou só a Província de Santiago, ou só a cidade de Santiago, ou um bairro de Santiago, ou uma rua desse bairro, ou uma família nesta rua, ou duas pessoas em diálogo. Em todas essas situações temos pessoas (P), mesmo que sejam apenas duas, convivendo em um território (T) interagindo verbalmente entre si pelo modo tradicional de interagir, sua linguagem (L).

Dois pessoas em diálogo constituem uma CF mínima. A CF máxima coincide com o domínio da CL, já que o investigador pode delimitar todo o domínio da língua espanhola como sua CF, para finalidades comparativas, por exemplo. Mas, na prática ninguém estuda duas pessoas conversando nem todo o domínio de uma língua falada em grandes extensões de terra como CF. São apenas casos extremos, como os há também na Ecologia biológica: segundo Tansley (1935) na Ecologia o universo como um todo pode ser visto como o ecossistema (máximo); o átomo seria como um ecossistema mínimo. No entanto, na prática ninguém estudaria esses extremos da perspectiva do ecossistema. Em Couto, (2016a) há um detalhado estudo sobre o conceito de comunidade de fala.

Voltemos à questão da língua como interação (comunicativa). A primeira implicação desse postulado é que, como já vimos, língua não é instrumento de comunicação: ela é a própria comunicação, ou interação comunicativa. Com isso, a essência da língua/linguagem (L) são as regras interacionais. Até o presente momento já foram catalogadas 18 regras interacionais, listadas no Apêndice I. As regras sistêmicas (gramática) são parte delas, pois existem para o entendimento entre falante e ouvinte. Por exemplo, em *O menino pequeno viu a menina loira*, a locução que vem antes do verbo informa ao ouvinte que é ela que expressa o agente da ação de ver; a que vem depois, informa quem foi visto. Deve ser ressaltado enfaticamente que não se trata de regras regulamento, surgidas de cima para baixo, oriundas de um centro de poder. Pelo contrário, são regras-regularidade, ou seja, regras que surgiram espontaneamente da convivência das pessoas em comunidade.

A língua se manifesta no diálogo, ou fluxo interlocucional, que consta de duas pessoas da comunidade alternando os turnos de fala no contexto da ecologia da interação comunicativa, que compreende ainda um cenário, tudo que está por trás do falante e do ouvinte bem como do momento (tempo). Cada ato de interação comunicativa (enunciado) pode provocar uma réplica, uma tréplica e assim sucessivamente. O diálogo tem um começo, mas a direção que tomará e seu fim são imprevisíveis. Mas, a LE pode estudar questões estruturais, gramaticais também, embora as veja em termos de redes de interação, ou rizomas (Couto 2016b).

Por estar inserida na visão ecológica de mundo (VEM), a Linguística Ecossistêmica é de caráter não apenas inter- ou transdisciplinar; ela é declaradamente multidisciplinar e multimetodológica. Sua multimetodologia é a ecometodologia, como apresentada em Garner (2004) e Couto (2018c). Couto (2018a) é uma detalhada apresentação da LE e Couto (2018b) apresenta-a em espanhol.

## Dirigindo o foco para a Análise do Discurso Ecossistêmica

Por ser parte da Linguística Ecossistêmica, a Análise do Discurso Ecossistêmica surgiu com o nome de Linguística Ecossistêmica Crítica. Esse nome foi influenciado pelo da Análise do Discurso Crítica, de Norman Fairclough. Logo em seguida, ela foi redenominada como Análise do Discurso Ecológica (ADE), nome que está na capa do único livro de introdução a ela já publicado (Couto, 2015). No entanto, como existem na Europa outras versões da Ecolinguística que se adjudicam o nome de Análise do Discurso Ecológica (Alexander e Stibbe, 2014) – além de muitos trabalhos na China (Tan, 2020)<sup>4</sup>, – entre final de 2018 e começo de 2019, o nome mudou pela segunda vez, agora definitivamente, para Análise do Discurso Ecossistêmica (ADE). De qualquer forma, o nome imediatamente anterior, Análise do Discurso Ecológica, pode continuar sendo usado porque mesmo na Ecologia biológica os termos “Ecologia” e “ecossistema” frequentemente são usados intercambiavelmente. O que é mais, as mudanças de nome não alteraram em nada o conteúdo da teoria. A própria sigla continua sendo a mesma, ADE. Portanto, o presente ensaio usa sistematicamente o nome Análise do Discurso Ecossistêmica.

Como é parte da LE, que é baseada na Ecologia (biológica e filosófica), o estudioso de ADE pode usar todos os conceitos e categorias de análise de ambas em suas análises de textos-discursos<sup>5</sup>. Todos esses conceitos têm a ver com o ecossistema. Ele deve ser encarado em sua totalidade (holismo), em que estão incluídos outros conceitos e propriedades, como interação, diversidade, adaptação, evolução, porosidade/abertura, redução/reúso/reciclagem e visão de longo prazo, entre outros. Vejamos brevemente a importância de cada um deles, exceto o de ecossistema, que já foi discutido na seção anterior.

O holismo faz com que o observador olhe para seu objeto de estudo como um todo e não apenas a parte que lhe interessa devido a sua ideologia. Ele deve levar em conta não apenas as interações harmônicas, que levam à comunhão, conceito central na LE e da VEM em geral. No mundo há também relações desarmônicas, conflitos, que devem ser resolvidos enfatizando a harmonização como fazia Mahatma Gandhi, em vez de pôr mais lenha na fogueira do conflito enfatizando o próprio conflito. A abordagem de conflitos começando pelo lado da harmonização está discutida em Silva (2020). Considerando-se o todo, há respeito à diversidade de manifestações (na natureza e na sociedade). Quanto maior for a diversidade mais rico será o ecossistema (natural, mental, social) em consideração. Isso leva ao respeito ao diferente, não necessariamente no sentido de aderir a ele, mas no de reconhecer seu direito de existência tanto quanto o meu.

Tanto na natureza quanto na sociedade há sempre necessidade de se adaptar às novas situações que se apresentam. Essa adaptação leva a uma constante evolução de ambas. Por mais que os conservadores desejem que nada mude nos hábitos sociais, por exemplo, eles estão sempre se transformando, inclusive a língua. Cada geração cria novos modos de falar, novos termos, enfim, sua linguagem se modifica a fim de que se possa falar das novas realidades. Isso mostra que, de novo contrariamente ao desiderato dos conservadores, a língua não é uma realidade estanque, fechada, isolada, como dá a entender a Gramática Gerativa. Pelo contrário, como os ecossistemas naturais, ela é porosa, aberta, está continuamente recebendo influências de seu entorno e influenciando-o.

A natureza não tem pressa, ela segue seu curso conosco ou sem nós. Portanto, devemos pensar nela em termos de uma visão de longo prazo. Não acabar com todos os seus recursos em nossa geração, sem deixar nada para as próximas gerações. Para isso é necessário praticar a política

<sup>4</sup> Em <http://www.ecoling.unb.br/noticias/ade-chinesa> encontram-se nove textos sobre a ADE chinesa, em inglês.

<sup>5</sup> Eu prefiro o composto “texto-discurso” porque todo discurso vem materializado em um texto. Não há discurso sem texto nem texto que não contenha um discurso.

dos três erres (r): redução, reúso, reciclagem. Reduzir o consumo parece óbvio em nossa época de consumismo capitalista desenfreado. Em muitas situações em que não é possível reduzir o uso dos recursos naturais e artefatos, podemos reutilizá-los, sobretudo os artefatos, que são natureza transformada. Como a sociedade moderna tem muitos artefatos, a VEM recomenda que os reciclemos, como os feitos de metal, plástico ou papel (celulose).

Até aqui vimos conceitos, categorias e propriedades acessíveis da perspectiva ampla da Linguística Ecossistêmica. É chegado o momento de dirigirmos o foco para as propriedades invisíveis nela “a olho nu”, aplicando o método da focalização (*focussing method*) proposto por Mark Garner (2004). De acordo com ele, “em um filme a câmera pode focalizar, por exemplo, na face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, enquanto os outros elementos da cena estão fora do foco, eles continuam lá como um pano de fundo essencial para o entendimento da expressão. Mesmo que a face ocupe toda a tela à exclusão de todo o resto, a câmera pode logo em seguida voltar à posição inicial e mostrar o contexto maior” (Garner, 2004, p. 202-203). Em Silva (2020, p. 92-93) temos uma representação gráfica de como visibilizar os aspectos microscópicos da ADE no interior da Linguística Ecossistêmica. Esses aspectos estão na dimensão do ecossistema natural da língua, constituído por pessoas de carne e osso, que vivem, sofrem, são felizes e finalmente morrem. Vejamos os conceitos, categorias e propriedades elencadas num excelente artigo de Márcio M. G. Silva, que sairá em *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021, com permissão do autor:

- 1) Defesa incondicional da vida.
- 2) Essa defesa inclui luta contra o sofrimento evitável.
- 3) Abordar as questões pelo lado positivo, não pelo negativo, enfatizando a harmonia e a comunhão. Em Silva (2020) há um gráfico com explicações que justificam esta postura.
- 4) Recomendação para intervir em defesa da vida e evitar sofrimento evitável. A Ecologia Profunda fala em ‘prescrição’, mas o termo parece muito forte em português.
- 5) Maior valorização do conteúdo do que da forma, apesar de todo discurso vir materializado em um texto, motivo pelo qual os seguidores da ADE preferem falar em texto-discurso (Silva 2021, *a sair*).

No mesmo artigo Márcio Silva incluiu um elenco das principais fontes em que a ADE se inspirou para a formulação de seu arcabouço epistemológico. São elas:

- a) Ecologia e ecossistema. Este último com todas as suas características, propriedades e conceitos;
- b) Linguística Ecossistêmica. Na verdade, a ADE é parte dela, como foi demonstrado gráfica e verbalmente em Silva (2020).
- c) Ecologia Profunda, formulada por Arne Naess. Todas as suas categorias e conceitos são válidos na ADE (Naess, 1989).
- d) O exemplo de vida de Mahatma Gandhi, sobretudo a resolução de conflitos pela não violência, outrossim demonstrada gráfica e verbalmente.
- e) O conceito de comunhão da Linguística Ecossistêmica, reflexo das relações ecológicas harmônicas da Ecologia. A comunhão leva à procura por uma sinergia, uma empatia antes de qualquer interação, comunicativa ou não.



f) A Análise do Discurso Positiva (Martin, 2004). Como o termo ‘positivo’ já sugere, essa versão da Discursística é em grande parte compatível com a ideia de comunhão, com o exemplo de vida de Gandhi e com a Ecologia Profunda (Silva 2021, *a sair*).

Um dos motivos para a ADE apresentar todas essas categorias, conceitos e propriedades são as fontes em que ela se inspirou. Fora as que têm origem na Ecologia e na LE, a maior fonte de inspiração é a Ecologia Profunda, formulada pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). O conceito mais importante herdado dela pela ADE é o de autorrealização. Todo ser vivo está sempre à sua procura. O direito à autorrealização não é só dos humanos, mas de todos os seres vivos. Mas, eu já ouvi a crítica de que os vírus (como o coronavírus) também são seres vivos, logo teriam direito a se autorrealizar, portanto, não temos direito de eliminá-los. Quem diz isso se esquece de que, às vezes a autorrealização de um ser impede a do outro. Nesse caso, o ser ameaçado tem direito de se defender, e se defende como pode. Portanto, nós, seres vivos humanos, temos direito de nos defender do coronavírus, e de outros vírus e bactérias, a despeito do fato de ele ter aparecido em grande parte devido a nossa intervenção exagerada na natureza não humana, gerando desequilíbrio ecológico.

A filosofia de vida de Mahatma Gandhi (1869-1948) influenciou a própria Ecologia Profunda, levando Naess a escrever diversos ensaios sobre ela. No período em que a Inglaterra dominou a Índia, Gandhi defendeu a resistência pacífica, a desobediência civil, o boicote às mercadorias inglesas e ao sistema educacional inglês. Ele seguia a *satyagraha*, aproximadamente “devoção, adesão à verdade”, e a *ahimsa*, que significa “não fira”, “não prejudique”, “não ofenda”, “não violência”, equivalente aproximado do *wu wei* do Taoísmo. Gandhi defendia igualdade de direito para as mulheres, pluralismo étnico e religioso, a abolição da divisão da sociedade em castas (ver os intocáveis). Para Gandhi, “a indianidade transcende religião e casta” (Privat, 1958).

A filosofia chinesa conhecida como Taoísmo teve forte influência sobre a Ecologia Profunda, logo, influenciou também a ADE. Essa filosofia ensina que nós somos seres vivos no mínimo tridimensionais, compostos de corpo, mente e espírito. Como as árvores, os seres humanos são uma espécie de ligação entre o céu (*yang*) e a terra (*yin*), uma vez que nossos pés estão firmemente baseados na segunda e nossa cabeça se dirige para o primeiro, tríade que deu origem aos trigramas (2a) que, duplicados, formam os hexagramas (2b) componentes clássicos do *I ching* (*O livro das mutações*) (Figura 2), que recua a mais de dois mil anos antes de Cristo.

Figura 2. Trigrama e hexagrama do I ching

trigrama



2a

hexagrama



2b

A filosofia taoísta defende a harmonia, seu conceito central, o que lembra a comunhão da LE e da ADE. Dela derivam outros como tolerância, humildade, prudência, frugalidade na alimentação. O mundo é tão grande e nosso tamanho não passa o de um grão de areia nessa imensidão. Portanto, por que não assumir essas posturas? No segundo livro em importância do Taoísmo, o *Tao te ching* (ca. 600 a.C.), pode-se ver que

*Só temos consciência do belo  
Quando conhecemos o feio  
Só temos consciência do bom  
Quando conhecemos o mau  
(apud , 2012, p. 150).*

Márcio M. G. Silva, que reproduz esse excerto, mostra que essa filosofia é uma boa sugestão para a resolução de conflitos. Temos que partir de uma perspectiva que vislumbre os dois lados da questão, embora sempre tentando ir na direção do lado “bom” (harmonia, comunhão), pois, como diz o texto, ele só existe relativamente ao “mau”. O autor representa esse processo inclusive visualmente, por gráficos (Silva 2020, p. 102).

Quanto à Análise do Discurso Positiva, ela vai na direção do que interessa à ADE. De acordo com Martin (2004), a ADC é “necessariamente negativa”. Ele sugere uma atitude mais “positiva”, a fim de fazer do mundo um lugar melhor. Em sua opinião, a ADC “está fortemente influenciada pela teoria social e está socialmente comprometida, de modo que seu objetivo é preferencialmente ‘problemas’ como, por exemplo, desigualdades de gênero, discriminação, racismo, hegemonias políticas, direitos das minorias etc”. Mesmo diante do fato de que o lado negativo efetivamente existe, por que não olhar para o mundo pelo lado positivo (Martin, 2004, p. 182).

Os modelos de Análise do Discurso tradicionais geralmente enfatizam em suas análises questões político-ideológicas. A ADE, por seu turno, pode se debruçar sobre todo e qualquer texto-discurso, uma vez que sua visão é holística, embora seu texto-discurso prototípico seja o dialógico. Na bibliografia mencionada nas Referências há diversos exemplos de análise, sobretudo no livro de Couto (2015).

Em espanhol existe pelo menos um texto sobre Análise do Discurso Ecossistêmica. Ele se encontra na seção “Ecolingüística en español” do *site* “Linguística Ecossistêmica” ([www.ecoling.unb.br](http://www.ecoling.unb.br)).

### **Observações finais**

Neste artigo tratei apenas dos princípios, conceitos e categorias da ADE. Não foi apresentado nenhum exemplo de análise de texto-discurso. Mas, na bibliografia publicada há alguns exemplos, como os que se veem em Couto (2015) e em Couto, Couto e Borges (2015), entre outros. Nesta última publicação, que é um livro, temos a análise de um diálogo (o texto prototípico para a ADE e a LE), de um texto científico (*Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*, de Chomsky) e de um silogismo, um dos textos mais abstratos que se possa imaginar (pp. 156-167). A grande maioria das ADs tradicionais não se dedicaria a textos como esses.

O livro em questão (Couto, Couto e Borges (2015) contém ainda um capítulo (Reinterpretando Algumas Interpretações) dedicado a reinterpretar pela ADE interpretações já feitas por outros modelos teóricos (pp. 171-184). A última delas é sobre a famosa frase “¿Por que no te callas?”, dita pelo ex-rei espanhol Juan Carlos ao ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez durante a XVII Conferência Ibero-Americana em Santiago, Chile, em 2007. O capítulo seguinte analisa pela ADE uma charge que apareceu na imprensa brasileira, comparativamente ao que a AD francesa e a ADC de Fairclough diriam sobre ela. Elas enfatizariam aspectos políticos e ideológicos. Para a ADE eles existem, sim, mas devem estar subordinados à questão da vida. O último capítulo analisa o discurso dos meninos de rua de São Paulo (pp. 193-207).

Enfim, apesar de ter seus discursos preferenciais, prototípicos, que são os discursos dialógicos como exigem Bakhtin (1981), Benveniste (1989) e Couto e Couto (2019), a ADE não exclui de seu objeto de estudo textos-discursos de cunho político-ideológico. Estes podem ser analisados também, mas não apenas eles. Afinal, o arcabouço maior a que ela pertence, a Linguística Ecossistêmica e a visão ecológica de mundo, olha para a língua/linguagem holisticamente, fazendo jus ao logotipo dos Encontros Brasileiros de Ecolinguística que diz: *Ecolinguista sum; linguistici nihil a me alienum puto* (eu sou ecolinguista e nenhum fenômeno da linguagem me é estranho). Mesmo que tenha que recorrer à ajuda de outras teorias e respectivas metodologias, pois a LE e a ADE são multidisciplinares e multimetodológicas.

## Referências

- Alexander, R. e Stibbe, A. (2014). From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences*, 41, 104-110.  
<https://doi.org/10.1016/j.langsci.2013.08.011>
- Bakhtin, M. (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Brasil: HUCITEC.
- Bang, J. e Døør, J. (2007). *Language, ecology and Society: A dialectical approach*. Londres, Reino Unido: Continuum.
- Benveniste, É. (1989). *Problemas de linguística geral II*. Campinas, Brasil: Pontes.
- Couto, H. (2020). Discursística. Disponível em: <https://ilinguagem.blogspot.com/>
- Couto, H. (2019). Uma leitura ecolinguística de ‘Se eu quiser falar com Deus’ de Gilberto Gil. *ECO-REBEL*, 5(2), 40-53. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27661>
- Couto, E. (2018). Resenha de Fill e Penz (2018). *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem*. *ECO-REBEL*, 4 (2), 97-103. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12352/10834>
- Couto, H. (2018a). Ecosystemic Linguistics. In: Fill, A. e Penz, H. (Ed.). *The Routledge handbook of Ecolinguistics*. New York/London: Routledge (pp. 149-161).  
<https://doi.org/10.4324/9781315687391-11>
- Couto, H. 2018b. Ecolinguística. In: Arratia, M.; Limachi, V. (Orgs.). *Construyendo una sociolingüística del sur*. Cochabamba, Bolívia: Talleres Gráficos “Kipus” (pp. 173-194).
- Couto, H. (2018c). A metodologia na Linguística Ecossistêmica. *ECO-REBEL* 4(2), 18-33.  
 Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>
- Couto, H., Couto, E., Paulino, G., Albuquerque, D. (orgs.). (2016). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Ensaio ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia, Brasil: Editora da Universidade Federal de Goiás, 527 págs.
- Couto, H. (2016a). Comunidade de fala revisitada. *ECO-REBEL*, 2(2), 49-72. Disponível em:  
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9690>
- Couto, H. (2016b). Estudos gramaticais à luz da linguística ecossistêmica. *Scripta*, 20(38), 26-53.  
 Disponível em:  
<https://doi.org/10.5752/p.2358-3428.2016v20n38p26>
- Couto, H. (2015). Ecological/ecosystemic discourse analysis. Disponível em:  
<https://ecosystemic-linguistics.blogspot.com/2015/11/ecological-discourse-analysis-eda.html>
- Couto, H., Couto, E. e Borges, L. (2015). *Análise do discurso ecológica – ADE*. Campinas, Brasil: Pontes

- Couto, H. (2007). *Ecolinguística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília, Brasil: Thesaurus, 462 págs.
- Fill, A. (1987). *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena, Austria: Böhlau.
- Fill, A. (1993). *Ökologisches: Eine Einführung*. Tübinga, Alemanha: Gunter Narr.
- Fill, A. (1996). (org.). *Sprachökologie und Ökologisches*. Tübinga, Alemanha: Stauffenburg.
- Fill, A. e Penz, H. (2018). *The Routledge handbook of Ecolinguistics*. New York, USA: Routledge.
- Finke, P. (1996). Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. In: Fill (org.), p. 27-48.
- Garner, M. (2004). *Language: An ecological view*. Berna, Suíça: Peter Lang.
- Halliday, M. (1990). News ways of meaning: The challenge of applied linguistics. *Journal of applied linguistics*, 6, 7-36.
- Haugen, E. (1972). The ecology of language. *The ecology of language: Essays by Einar Haugen*. Stanford, USA: Stanford University Press, (325-338).
- Marías, J. (1960). *Introdução à filosofia*. São Paulo, Brasil: Livraria Duas Cidades.
- Martin, J. (2004). Positive discourse analysis: Power, solidarity, and change. *Revista canaria de estudios ingleses*, 49, 179-200.
- Naess, A. (1989). *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- Privat, E. (1958). *Vie de Gandhi*. Paris, França: Denoël.
- Sapir, E. (1912). Language and environment. *American anthropologist* 14, 226-242.
- Silva, M. (2020). Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *ECO-REBEL*, 6(2), 90-106. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>
- Silva, M. (2021). *ECO-REBEL* v. 7, n. 1 (a sair).
- Tan, X. (2020). Overview of the development of Ecolinguistics in China during the 40 years of reform and opening up. *ECO-REBEL*, 6(2), 62-77. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32665/26620>
- Trampe, W. (1990). *Ökologische Linguistik: Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen, Alemanha: Westdeutscher Verlag. [https://doi.org/10.1007/978-3-322-94182-4\\_4](https://doi.org/10.1007/978-3-322-94182-4_4)
- Voegelin, C. e Voegelin, F. (1964). Languages of the world: Native America fascicle one – Contemporary language situation in the New World. *Anthropological linguistics*, 6(6), 1-151.

### Apêndice I: Regras interacionais

- 1) Falante e ouvinte ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) Falante e ouvinte ficam de frente um para o outro.
- 3) Falante e ouvinte devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) Falante deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) A uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) Tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) A solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi etc.*).
- 8) A tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) Se o assunto da interação for sério, falante e ouvinte devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 10) Falante e ouvinte devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 11) Durante a interação, o falante e ouvinte de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) Em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa e encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) Adaptação mútua: o falante deve expressar-se como acha que o ouvinte entenderá e o ouvinte interpretará o que o falante disse como acha que é o que ele quis dizer.
- 14) Conhecimento comunitário compartilhado.
- 15) Conhecimento compartilhado apenas pelos dois interlocutores.
- 16) Dados da ecologia da interação comunicativa (tudo do espaço-tempo dos interlocutores).
- 17) O encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso etc.*).
- 18) Regras sistêmicas (a ‘gramática’: há tantas regras sistêmicas quantas forem as regras gramaticais).

Obs.: Uma prova de que as regras sistêmicas são também interacionais é o fato de que, em *O menino vê a menina*, o sujeito está antes do verbo e o objeto depois dela para informar ao ouvinte quem fez o que a quem. Há muito mais coisas a dizer sobre o caráter interacional das regras sistêmicas, mas aqui não há espaço suficiente para isso.

**Apêndice II: Material para pesquisa disponível na internet**

1) *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*

<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/index> (revista de Ecolinguística).

2) Ecolinguística/Linguística Ecolinguística: [www.ecoling.unb.br](http://www.ecoling.unb.br) (Site da Linguística Ecolinguística, com muito material para pesquisa)

3) *Blogs* com muitos textos ecolinguísticos:

a) <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com/> (28 textos)

b) <https://ilinguagem.blogspot.com/> (8 textos)

c) <http://www.ecoling.unb.br/boletim-do-geple> (*Boletim de Ecolinguística*)

3) Site internacional de Ecolinguística: <http://www.ecoling.net> (em inglês).